



*Manuel A. M. Payés (\*)*

## *A Cesta Básica Em Sorocaba*

(\*) Doutor em Economia pela UNICAMP e professor do **Departamento de Economia da Universidade de Sorocaba — UNISO**



### **RESUMO**

O artigo pretende discutir a cesta básica na cidade de Sorocaba-SP, destacando a metodologia empregada, bem como os primeiros resultados encontrados, referentes ao custo dessa cesta e sua evolução. A pesquisa pauta-se na análise de dados coletados junto aos principais supermercados da cidade, sendo parte de um convênio entre o Departamento de Economia da UNISO e o PROCON de Sorocaba. Os primeiros resultados evidenciaram que o custo da cesta básica em Sorocaba é maior do que na cidade de São Paulo e que esse custo nominal teve alta significativa no período analisado.

### **ABSTRACT**

This article intends to discuss the “consumer’s basic meal products” in Sorocaba, São Paulo, emphasizing the methodology applied as well as the first results which were found concerning the costs of these products and their evolution. The research is based on data collected in the main supermarkets in town, being part of a covenant signed between the Department of Economy of UNISO and PROCON of Sorocaba. The first results show that the cost of the “consumer’s basic meal products” in Sorocaba is higher than in the city of São Paulo and that this nominal cost had a significant raise in the analyzed period.

## INTRODUÇÃO

Segundo NUNEZ<sup>1</sup>, a cesta básica de alimentos recomendável ou ideal "...compreende um conjunto de produtos capaz de proporcionar, a um custo mínimo, os níveis de energia e nutriente recomendados, além de atender às restrições convencionais referentes aos hábitos de consumo e preferências alimentares". Estes critérios parecem ter dado origem ao decreto-lei 399 de 1938, que definiu legalmente a primeira cesta alimentar e que inclui os seguintes 13 produtos: carne, leite, feijão, arroz, farinha de trigo, batata, tomate, pão, café, banana, açúcar, óleo, manteiga. Nesse decreto-lei, adicionalmente, definem-se as quantidades de cada um dos produtos, de acordo com sua capacidade nutritiva, tais como calorias, proteínas e demais nutrientes necessários para a boa alimentação do trabalhador adulto. O objetivo era mensurar a variação da despesa com esses bens para preservar o poder de compra do salário mínimo legal ao longo do tempo. Segundo o DIEESE esta é a única cesta alimentar que legalmente existe no país.

A partir da segunda metade dos anos 80, face à persistência de crescentes taxas inflacionárias e ao achatamento salarial, inclusive da classe média, várias instituições passaram a mensurar o custo de cestas básicas com uma relação mais atualizada e ampla de componentes e que, geralmente, inclui produtos de higiene e limpeza. Assim, o PROCON, em convênio com o DIEESE<sup>2</sup>, levanta, desde 1989, na cidade de São Paulo, os preços de uma cesta amplamente divulgada nos meios de comunicação. Esses levantamentos, todavia, não constituem hoje base para correção de salários, mas continuam sendo relevantes, pois são bons indicadores da evolução de preços de produtos essenciais à sobrevivência das famílias urbanas, tanto mais quanto mais carentes e, portanto, dão uma boa idéia da evolução do poder de compra.

Com efeito, de todos os itens do Custo de Vida freqüentemente registrados (alimentação, habitação, transporte, comunicações, vestuário, educação e cultura, saúde, equipamentos domésticos, recreação e fumo e despesas diversas), o que mais pesa no dispêndio das famílias mais pobres, tanto mais quanto menor

---

1. NUNEZ, Blas C. Índice de custo de vida: despesa com alimentação. In: **Revista de Economia**. Curitiba, UFP, v. 15, n. 13, p. 43-57, 1988.

2. DIEESE. **Boletim DIEESE**. São Paulo, v. 11, mar. 1992, p. 5.

for a renda, é a alimentação. Em 1975, segundo SANSON<sup>3</sup>, a participação dos gastos alimentares no Brasil era de 63% para as famílias com renda mensal de até 2 salários mínimos, de 52% para as famílias com 2 a 5, de 50% nas com 5 a 10, de 28% nas com 10 a 20 e de 19% nas com mais de 20 salários mínimos.

Este artigo pretende discutir a cesta básica na cidade de Sorocaba-SP, destacando a metodologia empregada, bem como os primeiros resultados encontrados referentes ao custo dessa cesta e sua evolução. O levantamento das informações foi realizado junto aos principais supermercados da cidade, a partir de setembro de 1995 pelo PROCON de Sorocaba em convênio com o Departamento de Economia da UNISO.

## METODOLOGIA

### A Cesta Básica de Produtos

A cesta básica para a cidade de Sorocaba foi formada pelos mesmos produtos gerais definidos pelo PROCON-DIEESE para a cidade São Paulo, a seguir discriminados: arroz, feijão carioca, açúcar, café, farinha de trigo, farinha de mandioca, batata, cebola, alho, ovos brancos, margarina, extrato de tomate, óleo de soja, leite em pó integral, macarrão de trigo com ovos, biscoito, carne de primeira, carne de segunda, frango resfriado inteiro, salsicha avulsa, lingüiça fresca, queijo mussarela fatiado, sabão em pó, sabão em barra, água sanitária, detergente, papel higiênico, creme dental, sabonete, desodorante spray e absorvente aderente. A essa cesta de produtos adicionaram-se o sal, vinagre e achocolatado, que não constam da lista PROCON-DIEESE.

Isto significa que, ao delimitar a composição de produtos da cesta básica de Sorocaba a partir basicamente da cesta do PROCON-DIEESE, a pesquisa assumiu implicitamente que todos esses bens também fazem parte do custo de alimentação, limpeza e higiene pessoal das famílias urbanas de Sorocaba, o que parece claramente sustentável.

Todavia, a cesta básica de Sorocaba distancia-se da do PROCON-DIEESE por basear-se em dois estudos locais.

---

3. SANSON, J. R. Incidência tributária e os gastos em alimentos. In: **Análise Econômica**. Porto Alegre, UFRGS, v. 9, n. 16: 107-123.

### **Estudo de preferências:**

O primeiro estudo pesquisou as preferências de marcas dos produtos de alimentação, higiene e limpeza que fazem parte da cesta. Foram selecionadas as principais marcas adquiridas pelos consumidores segundo sua participação percentual no total das marcas compradas por produto. Noutros termos, selecionaram-se as marcas mais consumidas.

### **Estimativa do consumo físico médio mensal**

O segundo estudo mensurou o consumo físico médio mensal de uma “família padrão” composta de 4 membros. Como os questionários aplicados registraram a quantidade mensal consumida por entrevistado e o número de membros familiares, foi possível calcular o consumo **per capita** médio mensal de cada um dos produtos da cesta básica e estimar o consumo médio mensal de uma família de quatro membros.

### **Coleta de informações**

A coleta de informações (marcas preferidas e consumo físico) deu -se através de fichas-questionários junto a 300 consumidores com renda mensal de até 10 salários mínimos, amostrados ao freqüentarem os principais supermercados da cidade: Carrefour, Tulha, Batajão, Beira-Rio, Santo e E.G., nos meses de maio e junho de 1995.

Nessa parte da pesquisa, cerca de 70 alunos de Economia e Direito da UNISO participaram da coleta de informações, em dois turnos, em função da disponibilidade do tempo dos grupos: quartas e sextas à tarde ou durante os sábados.

Na coleta de informações foram privilegiados os supermercados, simplesmente porque são os locais onde cada vez mais as famílias urbanas adquirem seus bens de primeira necessidade. Com efeito, segundo GREEN & DOS SANTOS<sup>4</sup> essa tendência já era evidente desde o final dos anos 70:

---

4. GREEN, R., DOS SANTOS, R. “Uma reflexão teórica-metodológica sobre o processo de reestruturação do setor agroalimentar na América Latina”. Comunicação apresentada no Seminário “Inovações tecnológicas e reestruturação do sistema alimentar”, Curitiba, 26-28 de junho 1991 (mimeo).

*...os supermercados, representando apenas 1,3% dos estabelecimentos varejistas de alimentos na Grande São Paulo, comercializaram 50,7% do valor destes produtos em 1976/77...foram gradativamente modernizando suas instalações, acompanhado das áreas de vendas e na variedade de produtos ofertados. Esse desenvolvimento levou a que as grandes redes passassem a instalar os hipermercados que, com área mínima de oito mil metros quadrados de vendas, podem atingir 15 mil famílias dentro de um raio de até uma hora de automóvel, reunindo 18 mil itens nas três grandes linhas de varejo: comestíveis, bens duráveis e vestuário.*

Na realidade, KIRSTEN<sup>5</sup> constata essa tendência no município de São Paulo já em 1971:

*...entre as classes de renda mais baixa e as mais altas existe como uma quase substituição do Armazém pelo Supermercado, reduzindo-se pela metade a importância do Armazém quando se passa do primeiro ao último estrato (de renda familiar) considerado, e quase que duplicando a do Supermercado.*

Esse perfil dos estabelecimentos varejistas, por outro lado, apenas reflete a evolução do sistema agroalimentar que apresenta uma forte tendência para a concentração e diminuição de operadores na esfera da distribuição dos produtos agroalimentares<sup>6</sup>.

### **Acompanhamento dos preços da Cesta Básica:**

Uma vez definidas as principais marcas e estimado o consumo físico médio mensal, passou-se a coletar os preços respectivos nos supermercados de Sorocaba, inclusive da marca mais barata.

### **Cálculo da variação**

No cálculo da variação mensal do custo da cesta básica utilizamos a fórmula Laspeyres, bastante empregada neste tipo de mensuração<sup>7</sup>.

---

5. KIRSTEN, José T. **Custo de vida: metodologia de cálculo, problemas e aplicações**. São Paulo, FIPE/PIONEIRA, 1987, p. 93.

6. Uma análise mais detalhada desta e outras tendências que apresenta o sistema alimentar estão presentes em: GREEN, R., DOS SANTOS, R. "Uma reflexão teórica-metodológica sobre o processo de reestruturação do setor agroalimentar na América Latina". Comunicação apresentada no Seminário "Inovações tecnológicas e reestruturação do sistema alimentar", Curitiba, 26-28 de junho 1991.

7. idem, ibidem, p. 19.

$$VAMCEB_{t-1,t} = \frac{\sum_{i=1}^n (p_{i_t}) \times (q_{i_{tbase}})}{\sum_{i=1}^n (p_{i_{t-1}}) \times (q_{i_{tbase}})} \times 100\%$$

onde,

$VAMCEB_{t-1,t}$  = variação mensal do custo da cesta básica entre t-1 e t;

$i = 1, 2, 3, \dots, n$  bens de alimentação, limpeza e higiene;

$p_{i_t}$  = preço atual de todos os bens;

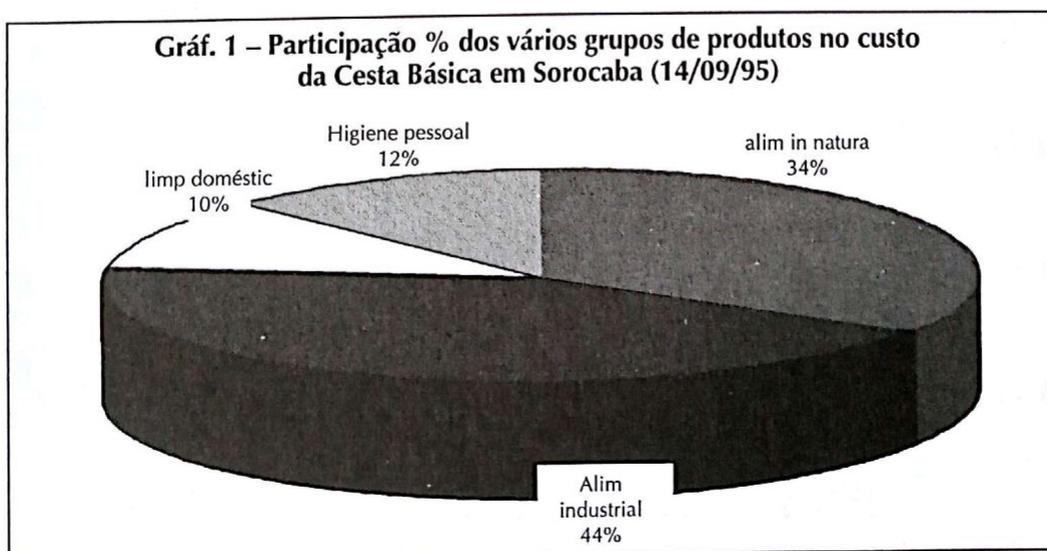
$q_{i_{tbase}}$  = quantidade física média consumida de todos os bens na época da coleta de dados (época-base); e

$p_{i_{t-1}}$  = preço do período anterior de todos os bens.

## RESULTADOS

### O Custo da Cesta

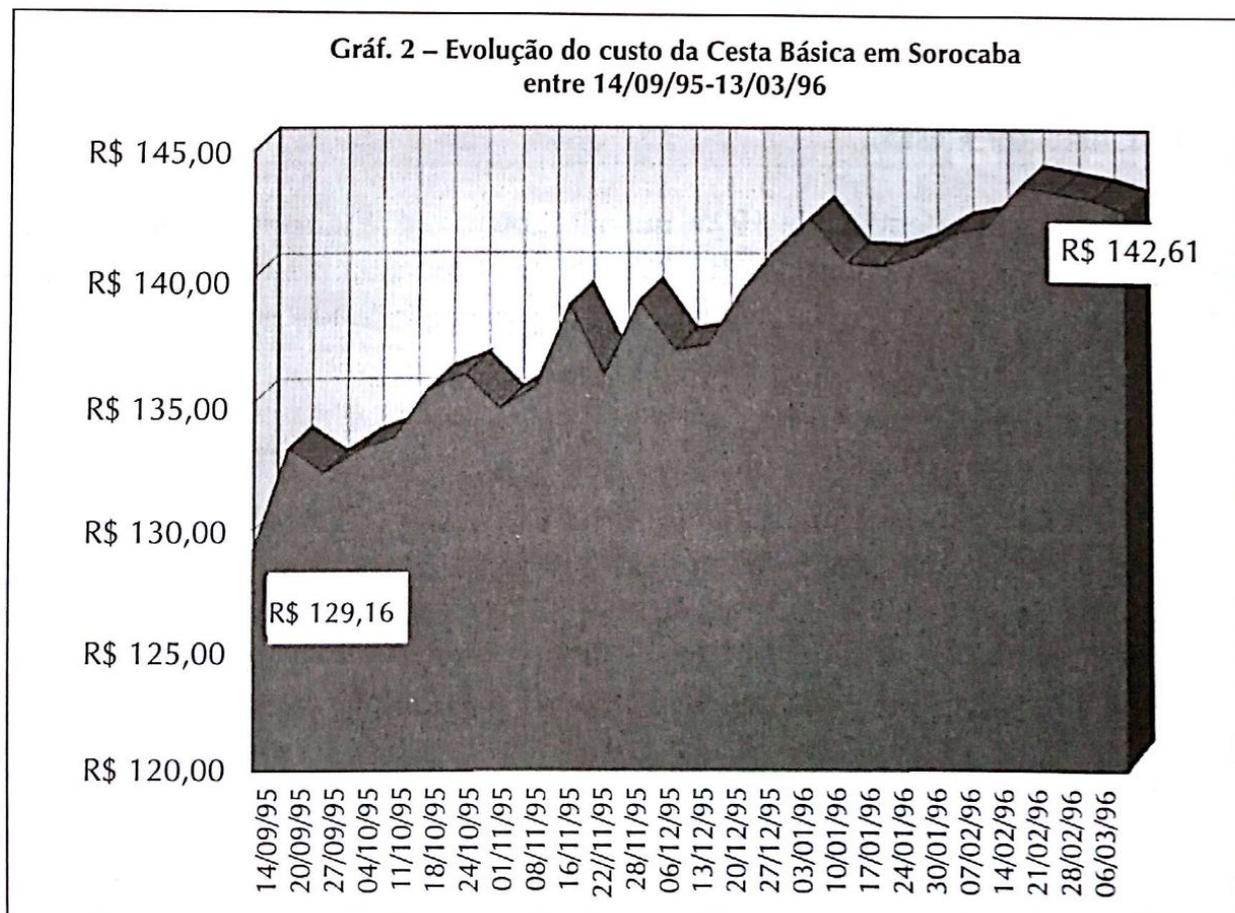
No dia 14 de setembro de 1995, quando houve o primeiro levantamento de preços, a cesta básica custava R\$ 129,16 em Sorocaba. O gráfico a seguir evidencia a participação percentual de cada grupo de produtos nesse custo.

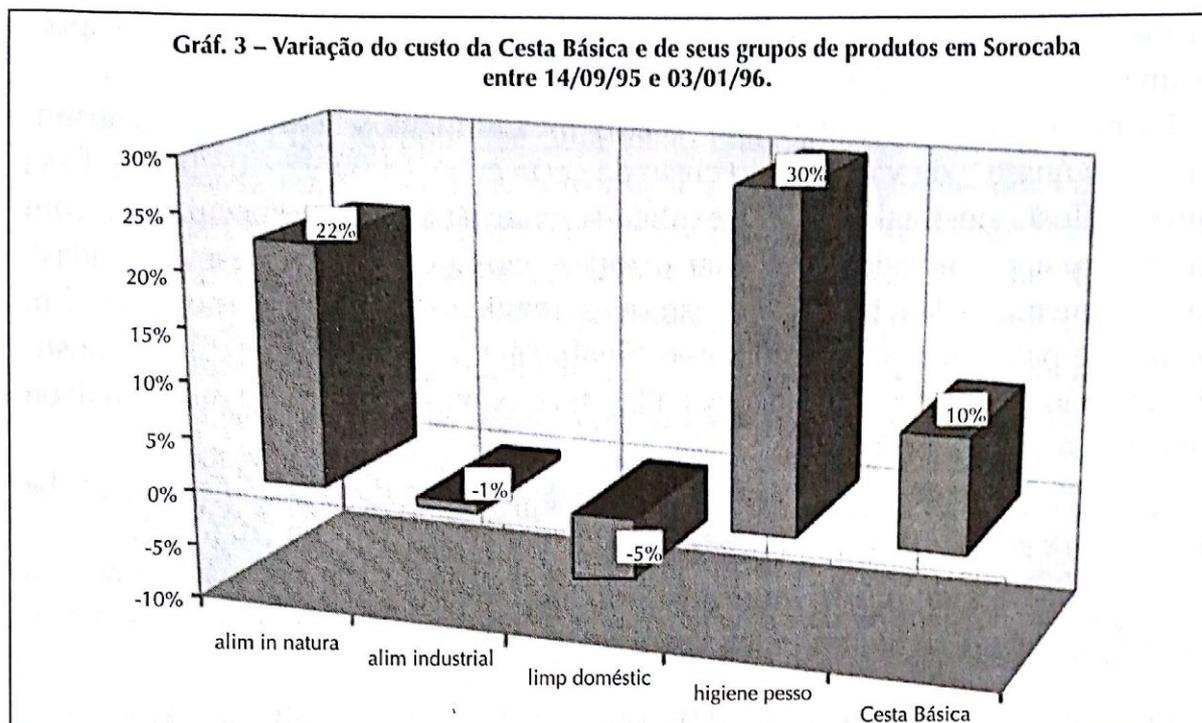


Note-se que a alimentação industrializada (açúcar, biscoito água e sal, café, extrato de tomate, farinha de mandioca, farinha de trigo, leite em pó, lingüiça, macarrão, margarina, mussarela, óleo de soja, salsicha, sal, vinagre e achocolatado) teve o maior peso: 44%; seguida pela alimentação “in natura” (alho, arroz, batata, carne de 1a, carne de 2a, cebola, feijão, frango e ovos) com 34%; higiene pessoal (absorvente, creme dental, desodorante, papel higiênico e sabonete) com 12%; e limpeza doméstica (água sanitária, detergente, sabão em barra e sabão em pó) com 10%.

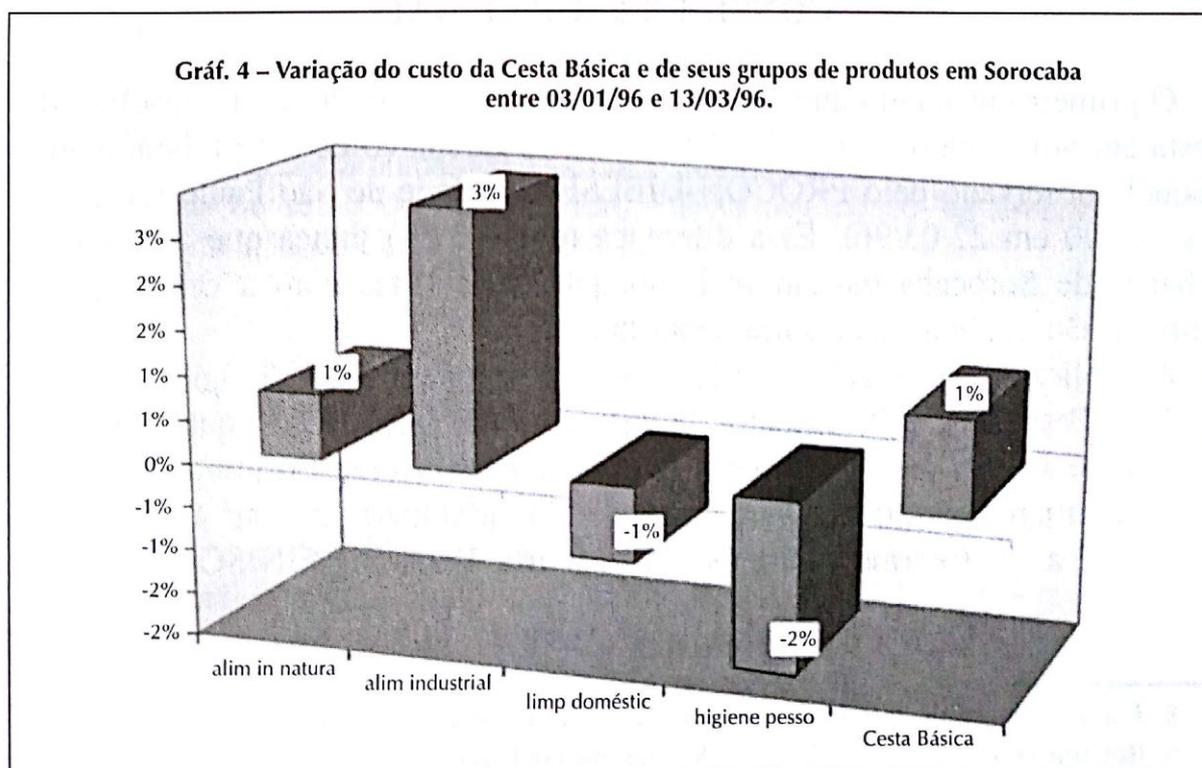
### Varição da Cesta

O gráfico abaixo evidencia que o custo da cesta básica em Sorocaba apresentou tendência altista em todo o período analisado. Todavia, a alta no custo da cesta foi mais intensa no final de 1995 do que no início de 1996. Com efeito, entre 14/09/95 e 03/01/96 a variação foi de 10,14%, enquanto que entre 03/01/96 e 13/03/96 a alta foi de apenas 1,06%.





Os gráficos 3 e 4 esclarecem melhor esse assunto. Note-se, primeiro, que, no final do ano passado (gráfico 3) os grandes responsáveis pelas pressões altistas foram os produtos de higiene pessoal (+30%) e os alimentos “in natura” (+22%) e, segundo, que essas pressões foram parcialmente amortecidas pela



queda dos alimentos industrializados e produtos de limpeza doméstica, respectivamente, de -1% e -5%.

Entretanto, face ao grande peso relativo, os alimentos “in natura” contribuíram com quase  $\frac{1}{2}$  da variação do custo da cesta entre 14/09/95 e 03/01/96. Essa pressão altista no final de 1995 explica-se, em parte, pelas especulações com alguns produtos, notadamente com o feijão, mas que foram “desmascaradas” posteriormente pelos leilões de estoques reguladores do governo; também, explica-se pela entressafra agrícola e, finalmente, pelo aquecimento do consumo advindo principalmente das camadas sociais mais pobres. Segundo Wilson Amorim, técnico do DIEESE<sup>8</sup>:

Se você olha as pesquisas de emprego e desemprego do Seade/Dieese, percebe que o pessoal de renda mais baixa teve aumento real de 20% a 22% nos salários, em relação a 1994. Esse pessoal, quando tem um aumentinho, sai comprando gêneros de primeiríssima necessidade. Essa tendência foi reforçada pelo pagamento do 13o salário no dia 20.

Por outro lado, no início de 1996 (gráfico 4), a pressão altista é bem mais moderada e decorreu dos alimentos, principalmente dos industrializados (+3%). Nesse período, observa-se queda persistente dos preços dos produtos de limpeza doméstica, embora de maneira mais frágil (-1%) e, também, nota-se, ao contrário do final do ano passado, redução dos produtos de higiene pessoal (-2%).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro resultado que chama a atenção diz respeito ao custo absoluto da cesta em Sorocaba (cerca de R\$ 143,77 em 13 de março de 1996), bem acima daquele observado pelo PROCON-DIEESE na cidade de São Paulo (cerca de R\$ 109,00 em 22/03/96). Essa diferença (quase 32%) indica que as famílias urbanas de Sorocaba gastam mais do que as paulistas com a cesta básica, embora não ganhem necessariamente mais.

A explicação principal desse fenômeno é de ordem metodológica:

1. A Pesquisa de Orçamentos Familiares-POF do DIEESE, que serviu de base para o cálculo da cesta básica, registrou uma estrutura de gastos familiares para três faixas distintas de rendimento familiar: 1 a 3, 1 a 5 e 1 a 30 salários mínimos<sup>9</sup>. A pesquisa Economia/UNISO-PROCON,

8. Folha de S. Paulo. **Cesta Básica bate recorde do Real**, 29/12/95.

9. **Boletim DIEESE**. Índice de custo de vida, metodologia. 2ª ed., São Paulo, ago. 1991, p. 6.

---

pelo contrário, registrou gastos de famílias com renda mensal de até 10 salários mínimos.

2. Embora a POF proporcione uma visão mais ampla de marcas preferidas e do consumo físico médio, pois registra a distribuição de todos os gastos familiares, seus resultados estão desatualizados. Com efeito, para a definição da cesta básica do PROCON-DIEESE foram utilizadas duas pesquisas: a POF de 1982/83 e a de "Consumo Alimentar, Familiar e Renda no Município de São Paulo de 1987", ambas realizadas pelo DIEESE. Ocorre que, a partir de 1986, com o Plano Cruzado, a sociedade brasileira foi drasticamente afetada, principalmente por mudanças de preços relativos, renda real, estrutura produtiva e abertura externa. Isto, evidentemente, altera preferências e consumo físico. Quer dizer, os estudos de Preferências e de estimativa do Consumo Físico médio devem ser atualizados, para poderem proporcionar uma cesta mais fiel da realidade do momento em questão.

Um resultado da pesquisa pouco animador foi a alta do custo nominal da cesta. Entre 14 de setembro de 1995 e 13 de março de 1996, a cesta em Sorocaba passou de R\$ 129,26 para R\$ 143,77. Quer dizer, em quase seis meses e meio, a cesta aumentou 11,31%, o que é relativamente muito, dentro de um ambiente de estabilidade econômica, embora seja pouco, se lembrarmos as altas taxas de inflação de anos recentes.